

## ***Discurso de formatura da 1ª turma Formada na Escola de Homeopatia***

Aos Alunos, Colegas e Professores da Escola.

Antes de tudo queria agradecer vocês, alunos, por me escolherem como paraninfo. É um honra e atrai responsabilidades. Esta turma tem forte representação simbólica que, no entanto transcende o próprio simbolismo na medida em que vocês conseguiram se fazer presentes aqui, agora, como médicos formados por uma escola idealizada a muitas mentes.

O que quero dizer com isto?

Que vocês representam muito mais do que uma promessa de que, sim, é possível tornar uma escola de homeopatia um lugar de encontro de novas perspectivas. O que enxerguei em suas trajetórias, em algumas de uma forma um pouco mais individualizada do que outras, foi um tipo de mudança raramente observado em processos pedagógicos.

Queria dizer que sem algumas pessoas nada disto seria possível e isto prova que quando há uma coletividade que deseja de verdade fazer algo novo ela faz. Quando uma pessoa deseja fazer ela também faz, mas o gosto é diferente, pois o pertencimento tem outro sentido. Não se trata de gramática e pronomes. A verdadeira diferença entre o “nós” e “eu” é esta. O sentido do “nós” é um sentido particular de escutar. De saber que podemos ser convencidos de uma outra coisa. Como disse Gadamer: “A possibilidade de que o outro tenha razão: esta é a alma da hermenêutica”. De que nenhuma convicção tem a força per se de mudar nada. O que muda em nós é um chamamento a descobrir por que e para onde nos guiam as conversas que estabelecemos. Por outro lado o eu pode ser nobre, pois fala de alguma coisa que só eu poderia falar e nenhuma outra pessoa poderia falar em meu nome. O “eu” é tarefa da exclusividade.

O “eu” está na expressão hebraica lech lechá, como disse ontem a primeira ordem expressamente divina ao homem que significa “vai para ti”. Só o “ir para si” nos devolve ao sentido correto do “nós”. O que queremos é partilhar o “eu” de tal forma que o nós seja a inclusão em uma marcha comunal. O destino? Incerto. O sucesso? Sem garantia. O desejo: um horizonte. O nós remete ao que buscamos com o eu. Que, por seu lado, sempre aspira ser nós, pertencer a alguma comunidade de falantes, de comunicantes que estão em contato.

Alguns poderiam dizer: mérito da homeopatia. Não discordamos. Mas há um outro mérito que a homeopatia por si só não é capaz de alcançar: a perspectiva de trazer para vocês um outro tipo de olhar. Trazer para vocês um outro cenário. Um deslocamento da posição original. Para isto, muitos de vocês precisaram ser descentralizados, desarmonizados, desconjuntados, em uma palavra, desconstruídos. E emocionante foi que permitiram isto. Alguns ficaram mais afetados que outros. Mas o que se propunha era produzir outro enfoque sobre seus corações e mentes. Nada era feito ao acaso. Não foi uma psicoterapia selvagem que os levaria a desorganização sem cuidados posteriores. O que se tentou fazer nesta escola foi levar a dignidade do conhecimento a um encontro de percepções, de horizontes.

O que digo com isto é que não foram vocês os únicos a saírem modificados no processo. Quando uma vez me disseram que Paschero agradecia os pacientes após cada consulta

fiquei irritado e cá com meus botões diagnostiquei como uma forma de sedução e na pior, mas razoável hipótese, demagogia barata. Mas não é talvez que sua intenção fosse autêntica. Que ele agradecia porque percebia em si uma mudança a cada encontro, a cada contato, a cada prescrição. Agradecia basicamente porque era beneficiado. Isto também ocorre, numa escola talvez em escala ainda maior, entre professores e aprendizes. Por isto agradeço de verdade a vocês. Agradeço sua sincera atenção, seu esforço em me manter atento, sua presença não mais como audientes passivos, arautos da recepção inerte, mas como críticos persistentes que opunham dúvidas ao dogmatismo que as vezes nós professores exercemos, e que as vezes acham que sabem o que apenas supomos correto.

Este é um processo que se realiza por duas vias

Difícilmente ocorreria sem planejamento, organização e estrutura. Isto tudo, foi esta diretoria, heróica, que construiu contra uma série de obstáculos. Com ajuda de funcionários dedicados e articulados, lutou contra um inimigo – numa guerra insana como quase todas elas -- que não estava oculto, pois representado por esta mesma estrutura de concreto que ecoava fantasmas, velhas ofensas e jargões ultrapassados.

A outra talvez tão complexa e com menos visibilidade se dá pela via do contato entre o corpo docente os alunos. Refiro-me desta vez as batalhas permanentes e diárias. Refiro-me ao dia a dia. Aqui os heróis são outros. Queria falar para vocês algo bem simples, que corresponde à experiência que tivemos juntos nesta caminhada (vale mais a caminhada do que o caminho dizem os hermeneutas). Nosso convívio é sempre relacional e estamos na mesma comunidade lingüística e por isto mesmo o processo que chamamos de ensino-aprendizagem é tão difícil e tão pouco explorado em suas imensas perspectivas. É assim que em nossa opinião as idas aos cafezinhos, as visitas aos consultórios, os telefonemas de dúvidas, as trocas de corredor, as orientações de monografias de madrugada por e-mail, o interdisciplinar no campus da USP, na saúde pública, nos hospitais, no centro de saúde em campinas, ou seja, lá em que outros locais os professores e alunos se encontraram, vem revelando que algo ocorre extra-muros de uma escola. Aí é o novo tem dado as caras. O dignóstico aqui é que algo se regenera para além de um ensino feito numa escola médica. O que aconteceu aqui foi tão incomum que acredito que seremos sempre, de certa forma, dependentes uns dos outros.

Se educação é autoeducar-se e a formação é permanente mais dia menos dia nos lembraremos – perguntas ou respostas pouco importa – do que cada um de nós falou nestes anos de convívio. Se educação é um compromisso ele também é misterioso. Porque apesar de não se saber o que está destinado para um de nós os encontros são perspectivas que se fundem em uma caminhada. E esta escola tem sido a nossa.